

SOMBRAS IMORTAIS



TIGEST GIRMA

SECRET
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso

Ideação suicida

Luto e perda

Morte

Sangue e cenas gráficas


Trauma

Violência

PARA TODAS AS RAPARIGAS NEGRAS
QUE SEMPRE SE MARAVILHARAM COM A BELEZA
NEGRA DOS VAMPIROS.
NESTE LIVRO, OS IMORTAIS PARECEM-SE CONNOSCO.

&

PARA AS MINHAS *HABESHA*,
MIÚDAS QUE SE ATREVEM A OCUPAR
ESPAÇOS NOVOS E INCRÍVEIS.
LEVANTEM A CABEÇA E DEIXEM QUE VOS VEJAM.



“ጨለማ ደርባባነት ያለው እንግዳ ሲሆን ቀስ
-በሎ ነው የሚባላህ”

A ESCURIDÃO É UM
CONVIDADO GRACIOSO.
DEVORA-NOS LENTAMENTE.

*Traduzido de textos em amárico
destruídos nos Fogos de Abyss
País de origem: Etiópia*



PRÓLOGO

VISÍVEL ATRAVÉS DA JANELA À LUZ DAS VELAS DA UNIVERSIDADE Uxlay, um campus tão antigo como as criaturas que albergava, a reitora e o respetivo vampiro sentavam-se em conversa privada.

Estudavam um pedaço de pergaminho que detalhava o traçado da cidade e, em particular, a gota de sangue que se desvanecia perto da catedral. Este mapa era um dos tesouros mais queridos da reitora, transmitido pela sua linhagem familiar antes de todas as ferramentas deste género terem sido destruídas. Ela nunca conseguiria perdoar tal perda.

Antes que o sangue desaparecesse na página amarelada, este desabrochou em três letras, soletrando a palavra «mot». Morte.

— A Silia Adane está morta — disse a reitora, exatamente uma hora depois de se terem sentado.

O vampiro estendeu os dedos e respondeu em *Aarac*. Para uma língua morta, possuía uma vivacidade não natural, dançando na língua como uma cobra agitada.

— Então é verdade. O testamento da herança está em vigor.

A reitora arrastou a cadeira para trás e foi à janela. A noite avançava da floresta e envolvia com os seus longos dedos as Torres Arat e as suas estátuas de luto. A luz dourada derramava

das estátuas de leões de boca aberta, empoleiradas nas paredes de pedra. Cada animal despertava para iluminar as entradas e os corredores.

— Ainda sobram dois Adanes — lembrou ela.

— Quebrarias a promessa que lhe fizeste? Pensei que ela era tua amiga chegada.

A reitora franziu as sobrancelhas grossas. O seu vampiro gostava de ser honesto com uma medida igual de crueldade. Desde uma tenra idade que isso sempre fora o que ela menos gostava nele.

Claro que não queria quebrar a sua promessa. Durante semanas, o sangue de Silia fora desbotando no mapa. Tinha sido infetada por uma doença rara que nem a Uxlay conseguia curar. A reitora pedira-lhe que chamasse as duas sobrinhas, de onde quer que se escondessem, para confiar a uma delas o legado da família, antes que fosse tarde demais. Mas a teimosia era a praga de todos os Adanes.

Silia Adane procurara a liberdade a um custo incrível e egoísta, mesmo que não para si própria. Como tal, 14 anos antes, após a morte da irmã e do cunhado, Silia desaparecera a meio da noite com as jovens sobrinhas gémeas. A reitora perdoara esta traição de responsabilidade por uma única razão — o luto.

O luto arranja forma de arrancar o sentido de dever pela raiz. Foi por isso que a reitora o escolhera como o primeiro inimigo a dominar. Razão pela qual ali estava, a planear o próximo conjunto de eventos, em vez de estar ao lado da amiga falecida. Não podia vacilar. Era essa mesma mestria que lhe permitia gerir um campus que mantinha a paz entre os inimigos naturais da natureza. Uma paz que não duraria muito, se o testamento dos Adanes entrasse em vigor.

A reitora preferiu não dizer ao seu vampiro que se arrependia da promessa. Na altura, pareceu-lhe justificada. Que importava se as raparigas nunca fossem contactadas? A reitora tinha a certeza

de que Silia iria casar com o seu amado e dar à luz uma criança, dando continuidade à linhagem da grande Casa Adane. Como se enganou. A morte perseguia a Casa Adane com grande voracidade, e ela não tinha outra escolha senão fornecer-lhe uma nova vida.

Estudou a escuridão crescente.

— Dentro de uma semana, vamos buscar a rapariga a Green Heights.

— E a outra?

— Receio não saber onde está. Dizem que fugiu da casa de acolhimento no dia em que fez 18 anos.

Ela olhou-o. Para perceber se ele tinha conhecimento daquilo. O facto de os seus músculos faciais pouco se moverem costumava perturbá-la, a forma como os olhos da cor do carvão olhavam fixamente, sem nunca pestanejar.

— Talvez uma seja suficiente. — O vampiro permaneceu impassível. — A sua presença causará algum desagrado.

A reitora voltou-se para a janela.

— Como faz tudo o que é estranho.

— Verdade. — Ele ponderou. — Gostaria de as ter na minha turma. A mãe foi uma das minhas alunas mais brilhantes.

A história dos pais das raparigas era lendária, mas as lendas tinham por hábito carregar consigo tragédias.

— Queres que a vá buscar? — perguntou ele.

— Não, eu vou.

No reflexo da janela, um sulco marcou as suas feições cor de mogno.

— Tu nunca sais da Uxlay.

— Temo ser necessário.

— Porquê?

Calma, a reitora voltou a sentar-se para revelar a seguinte notícia:

— Porque a Kidan Adane foi detida por homicídio há 24 horas. Nos olhos negros do vampiro brilharam pequenos feixes de luz.

— Que vida ceifou ela?

— Ainda não sei. É muito estranho, mas a Kidan Adane acredita que a irmã não fugiu. Em vez disso, está convencida de que foi um vampiro a levar a June Adane. Que a trouxe para aqui, para a universidade, contra a sua vontade.

Com um olhar meticuloso, ela estudou-o de novo. Ele não franzia o sobrolho. Ficou maravilhada com a forma como ele se acomodara na sua pele antiga, bonito e frio como no dia em que o conheceu. Ela, com 19 anos. Ele, com cinco séculos de idade. Aquilo fê-la esfregar a mão enrugada. O tempo era uma coisa assustadora.

— Eu saberia se a June Adane estivesse aqui — limitou-se ele a dizer.

— Eu também pensava assim. Estou certa de que, se um crime desses tivesse ocorrido, agirias da forma adequada.

— Claro. — Ele não mostrou qualquer sinal de ofensa perante a investida.

Ela valorizava isso nele. Raramente levava as coisas para o lado pessoal. E nunca mentia. Mas aqueles eram tempos estranhos, e a lealdade era a primeira vítima da mudança.

— Como sabes tudo isso? — perguntou ele. — Certamente que andares a seguir e a vigiar as raparigas vai contra a promessa.

Satisfeita por ele ter passado no seu interrogatório, a reitora apontou para a pilha de cartas que se encontrava ao lado de uma escultura de um animal — um pequeno impala com dois magníficos chifres.

— A Kidan Adane escreve-nos muito, sempre a implorar que a Uxlay lhe devolva a irmã. Tentei encontrar a June, mas a rapariga desapareceu. Infelizmente para a Kidan, a sua tia Silia fez da Uxlay o local de origem de todos os seus pesadelos.

Ele moveu-se com a rapidez de uma sombra apanhada pela luz, com cuidado para não tocar na estatueta de vidro do impala

ao recolher as cartas. Uma ação que fez com que a reitora curvasse ligeiramente os lábios. A superstição levava a que a maioria dos *dranaics* evitasse o belo antílope, a mesma que convencia os estudantes de que esfregar uma estátua de leão lhes dava força. Enquanto o vampiro lia, um vinco voltou a formar-se no seu sobrolho franzido.

— Nunca respondeste? — perguntou ele, com curiosidade.

— Mantive a minha palavra.

Ele acompanhava-a há quase 40 anos, mas continuava a não compreender as suas promessas, nem o porquê de ser capaz de mover o mundo para as cumprir. Contornar a palavra dela tinha-lhes tornado a vida muito difícil.

— O que mudou agora? — perguntou.

Ela estudou uma das cartas. As palavras de Kidan transformavam-se em raiva e súplica em simultâneo, o sol e a lua de uma perda horrível.

— *Mot sewi yelkal* — respondeu ela, em *Aarac*.

A morte liberta-nos dos nossos seres anteriores.

Num momento muito raro, o vampiro ergueu um dos cantos da boca. Ouvir as próprias lições citadas por um dos seus alunos nunca falhava em diverti-lo. Especialmente quando estes viviam o tempo suficiente para lhes compreender o verdadeiro significado.





K IDAN ADANE DEU A SI MESMA OITO MESES PARA MORRER. Na verdade, um prazo bastante generoso. Dois meses teriam sido suficientes para o ato violento. O prolongamento foi a pobre tentativa de um sonho. Um sonho que ela nunca teria entretido, se não se encontrasse naquele momento desidratada e a entrar e a sair do quarto.

Ela queria voltar a viver com a irmã naquela casinha estranha. Viver numa época em que a inocência não precisava de ser provada a cada passo. Este último pensamento tirou-a da sua névoa, fê-la rir. Soou a alguém injustiçado e, se se atrevesse a pensar nisso, a uma vítima.

A sua gargalhada voltou a sair, um som doloroso e cru na chaminé entupida que tinha dentro do peito. Há quanto tempo não falava? As cortinas permaneciam fechadas por causa das câmaras, por isso uma lâmpada tornara-se a única fonte de luz. Como qualquer sol artificial, sobreaquecia e queimava o ar que a circundava, obrigando-a a trabalhar seminua no chão do apartamento.

O suor acumulava-se-lhe agora na testa escura, molhando o dossier que lia, com a perna dobrada enterrada algures no meio do enxame de papéis. Não podia dar-se ao luxo de apagar a luz. Não quando havia tanto para fazer. Não quando estava tão perto.

Na mente de Kidan, ela estava presa numa noite sem fim e o inferno não era muito diferente daquilo.

Movimento — ela precisava de movimento. Levantou-se demasiado depressa, tropeçou, e o sangue correu para a perna dobrada, paralisando-a. Sacudiu a dormência e dirigiu-se para a pequena cozinha.

Assassina.

A palavra saltou do artigo de jornal afixado no frigorífico, preso por cima da imagem de uma rapariga negra.

Kidan Adane era uma assassina. Ela esperou pela pontada de remorso que deveria ter sentido com aquelas palavras. Chegou mesmo a apertar a boca e a franzir o nariz, tentando forçar a emoção. Mas, tal como naquela noite de fogo, não conseguiu chorar. Esperou que uma réstia de humanidade lhe restasse. Estava seca por completo. Uma estátua esculpida em obsidiana.

Kidan serviu-se de uma bebida. Os cliques do obturador de uma máquina fotográfica estalaram, acompanhados por pequenos flashes de luz. Ela virou-se de repente para a janela e a bebida quase lhe escorregou das mãos. As cortinas permaneciam fechadas, mas os repórteres arranhavam as frestas, como gaiotas à procura de pão.

Sê paciente, pensou.

Em breve, tudo ficaria esclarecido. Dentro de oito meses, mais precisamente. Essa era a data do julgamento. Kidan não tencionava comparecer. Muito antes disso, a sua confissão seria encontrada colada na parte de baixo da sua cama e o funcionamento violento da sua própria mente revelado a todos.

A câmara voltou a piscar, fazendo-a estremecer. Era improvável que conseguissem tirar-lhe uma fotografia, mas talvez devesse vestir-se. Não era o peito cheio, nem as ancas largas, que queria esconder. Uma fotografia atrevida poderia até funcionar a seu favor: uma violação grosseira da sua privacidade a circular.

Não soava mal de todo. Mas abanou a cabeça. Lá estava ela outra vez, a pensar em formas de manipular a simpatia.

Encontrou o próprio reflexo, e uma voz fina e frágil escapou-lhe.
— Tu não és como eles. Tu *não* és como eles.

Eles.

A tia Silia chamava-lhes *dranaics*. Vampiros.

Apesar do calor das paredes do apartamento, Kidan sentiu um arrepio. Os *dranaics* não pareciam diferentes dos humanos. Essa era a fonte de toda a sua perturbação. O mal não deveria andar por aí à solta em forma humana. Era uma profanação.

Kidan detestava a tia. Detestava-lhe a inação. Ela esperara demasiado tempo para as salvar daquela sociedade vil. Talvez assim o mal não se tivesse infiltrado em Kidan, ainda em criança. June tinha-se saído melhor, mas Kidan alimentara-se disso. A sua curiosidade mórbida com a morte, o fascínio doentio e a coleção de filmes que retratam aquela arte, e agora chegando mesmo a cometer o próprio ato final — tudo aquilo vinha dos vampiros. Se, naquele instante, ela conseguisse cavar dentro do peito e retirar o coração retorcido, não hesitaria.

Oito meses.

O alívio foi perfurado por aquelas duas palavras. Tudo o que tinha de fazer era esperar oito meses para morrer. Certificar-se de que June era encontrada. Suportar aquela existência miserável um pouco mais.

Uma fotografia de June sorria-lhe do portátil aberto. Não eram nada parecidas, apesar de terem nascido com poucos minutos de diferença. O desaparecimento de June não teve qualquer cobertura, nem sequer um comentário da vizinhança. Onde estaria Kidan, se os repórteres procurassem a sua irmã perdida tal como a perseguiam a ela? Não, as raparigas negras tinham de cometer atos horríveis para ganharem destaque.

Os papéis espalhados pelo chão eram o rastreamento frenético de um lugar chamado Universidade Uxlay. Kidan havia

investigado durante 12 meses e 20 dias. Desviou o olhar para a gravação colada debaixo da cama, e a temperatura do quarto baixou. Esta gravação continha a última conversa torturante entre Kidan e a sua vítima.

Melhor, pensou, quase a sorrir. Ela atribuía a culpa onde precisava de ser atribuída. À vítima de *Kidan*.

A gravação continha a prova, o nome da pessoa — não, animal — responsável por levar June. Era apenas uma questão de encontrar o maldito lugar. E ele.

Kidan agachou-se e estudou o rasto da sua busca. Pegou numa caneta, arrancou a tampa com os dentes e começou outra carta para a tia Silia, que nunca lhe respondia.

Se houvesse a mais pequena hipótese de voltar a encontrar June, ela passaria o resto da vida a escrever.

Cravou os dedos tensos nas palmas das mãos, o que lhe irritou a pele com finos arcos de sangue. Com o dedo indicador, traçou um quadrado contínuo na palma da mão. Nervos. Ela reconheceu a emoção. O que significava que ainda não estava completamente perdida. O espelho partido do outro lado da sala dava-lhe um contorno feio à garganta escura. Uma expressão fria e indiferente olhava de volta. Se ao menos conseguisse dominar a capacidade de chorar antes do julgamento, o mundo poderia perdoá-la. Talvez vivesse mais tempo.

Chora, ordenou ela à sua imagem.

Porquê?, perguntou o reflexo. *Voltarias a fazê-lo.*



Uma hora mais tarde, já sem sinais de repórteres na rua, Kidan vestiu uma camisola com capuz larga, pegou nos fones e trancou o pequeno apartamento. Tinha-se mudado para ali por uma razão apenas.

Do outro lado da rua, onde a Longway e a St. Albans se cruzavam, havia um cacifo para encomendas. Uma chave pertencia-lhe, a outra, à tia Sília, que residia na Uxlay. Sempre que Kidan depositava uma das cartas que escrevia, escondia-se e esperava. Por vezes, durante dias, dormindo no café ou no beco, mas aparecia sempre alguém a recolher as cartas. A figura encapuzada escapava-lhe sempre, saltando os portões do parque com uma força assustadora, ou desaparecendo no meio do trânsito.

Jogava a este jogo do gato e do rato todas as semanas. A tia Sília lia as cartas, mas, por alguma razão desconcertante, continuava a ignorá-la.

Depois de colocar a carta mais recente no cacifo vazio, Kidan aguardou junto à paragem do autocarro, um lugar novo, e esperou que, ao misturar-se com os passageiros, conseguisse tempo suficiente para identificar o mensageiro.

Enquanto esperava, a voz doce de June crepitou nos auscultadores. O mundo de Kidan equilibrou-se.

— Olá — sussurrou a irmã. — Não sei bem como começar isto, por isso vou apenas fazer uma introdução genérica.

A June gravou 15 vídeos antes de desaparecer. Aquele era o primeiro, tinha ela 14 anos. Kidan ouvia os vídeos diariamente, exceto o último. Apenas suportou ouvi-lo uma vez, antes de o apagar para não mais a magoar.

Dentro dos bolsos, traçava a forma de um triângulo com os dedos e divertia-se com o som do arranhar. O triângulo mudou para um quadrado quando June a mencionou no vídeo.

A atenção de Kidan nunca se desviou do cacifo, mas viu uma sombra pelo canto do olho, imóvel.

Uma mulher debaixo do ramo torto de uma árvore. Com a pele de um bronze envelhecido à luz da rua, usava uma saia verde-escura, combinada com um carrapito.

A mulher permanecia extraordinariamente imóvel, não muito diferente de uma coruja empoleirada num parapeito, a olhá-la fixamente.

Kidan sentiu um arrepio na parte de trás do pescoço. Teve a sensação estranha de que aquela mulher, fosse ela quem fosse, estava à sua espera.



VÍDEO GRAVADO

10 de maio de 2017

June, 14 anos, no telemóvel da Kidan

Localização: Casa de banho privada da Mamã Anoet

— Olá — sussurrou June, a pestanejar para a câmara. As tranças curtas emolduravam-lhe um queixo cheio de cicatrizes e borbulhas. — Não sei bem como começar isto, por isso vou apenas fazer uma introdução genérica. Chamo-me June. Ando na Escola Green Heights. Acho que estou a fazer este vídeo por causa do que aconteceu hoje. Voltei a meter-me em sarilhos por ter adormecido na aula.

Uma pausa.

— Sofro de parassónias. Eu sei, palavra difícil. Significa que não só sou sonâmbula, como grito e dou pontapés. A minha irmã toma conta de mim, mas... eu sei que ela se cansa. Eu própria me sinto cansada de mim. — Uma pequena gargalhada. — Tento manter-me acordada o mais que posso, mas o resultado é ainda pior. Como hoje. Sei o que estão a pensar... procura ajuda. Acreditem em mim, ando a tentar.

O ângulo da câmara tremeu, captando os champô superlotados, de quatro tipos diferentes; uma cortina de duche com

padrões de borboletas; medicamentos para a ansiedade e a depressão.

— *Não temos dinheiro para um psicólogo, mas a nossa orientadora não é má. Na verdade, é por causa dela que estou a fazer este vídeo. Miss Tris disse... que tenho medo de alguma coisa. Algo que não quero contar a ninguém. Disse-me para escrever tudo.*

» *Mas eu odeio escrever. Por isso, ela disse-me para me gravar... e, se me sentir corajosa o suficiente, partilhá-lo. É boa, não é? — Um pequeno sorriso, que não lhe chegou aos olhos. — Então, de que é que eu tenho medo?*

June respirou fundo, hesitante e nervosa, a olhar para a porta.

— *Tenho medo de... vampiros.*

A câmara ficou escura, virada para baixo no lavatório. A água correu, os salpicos ecoaram e um minuto passou. O rosto castanho de June voltou ao foco, agora um pouco húmido, enquanto ela se instalava no canto da banheira.

— *Vampiros — repetiu ela, num tom mais forte. — A boa notícia, se existir, é que eles já não são perigosos para toda a gente. Por isso, aqueles que estão a ver isto, se é que acreditam em mim, podem ir para a cama sabendo que o vosso sangue é como veneno para eles. Mas eles ainda precisam de se alimentar, precisam de sangue para sobreviver. — O telemóvel tremeu um pouco. — Uma coisa chamada Primeiro Vínculo obriga os vampiros a alimentarem-se apenas de famílias específicas. Há cerca de 80 linhagens, presas neste ciclo há gerações. Adivinhem quem faz parte de uma dessas famílias? Pois.*

June desviou o olhar da câmara, com um brilho nos olhos.

— *Eu e a minha irmã elevamos o ter uma família marada a um novo significado. Mas escapámos. A nossa tia tirou-nos dessa vida, depois da morte dos nossos pais, e trouxe-nos para aqui, para a casa da Mamã Anoet. Aqui estamos seguras, mas*

vejo-os todas as noites... em sonhos... às vezes até nos corredores da escola. É como se soubesse... que um dia nos virão buscar.

Ela inspirou, e expirou. Brincou com a pulseira fina de prata no pulso.

— Todas as noites, a Kidan lembra-me em relação aos Três Vínculos impostos aos vampiros. Isso ajuda um pouco. Relembra-me de que eles não me podem apanhar tão facilmente. O Segundo Vínculo restringe-lhes parte da força, e o Terceiro Vínculo requer um sacrifício pesado ao transformarem um humano num deles. A Kidan continua a dizer que o poderoso Último Sábio não sabia como usar o dom incrível que tinha... que deveria ter matado os vampiros todos, ao invés de lhes colocar restrições. Eu acho que ela tem razão. As nossas vidas teriam sido muito diferentes se o tivesse feito.

Ela largou a pulseira das borboletas, agora com os olhos enrugados.

— Então, por que razão estou a fazer este vídeo? Acho que quero que Miss Tris saiba. Talvez até os meus amigos. Talvez toda a gente. Não quero ficar assim para o resto da vida. Não quero perder todos os minutos de todos os dias a pensar quando é que eles nos vêm buscar. Quero sentir-me segura. Quero...

Alguém a bater com força na porta fê-la largar o telemóvel.

— June, sou eu.

June suspirou fundo; a maçaneta da porta rodou.

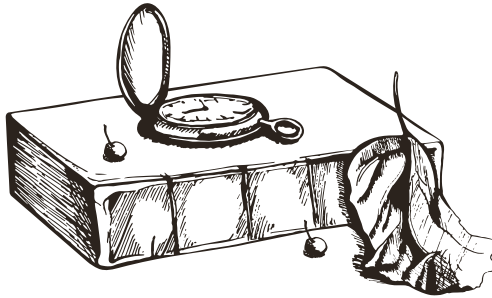
Kidan olhou para o telemóvel a pingar.

— Despacha-te.

June depressa escreveu a palavra-passe para tornar os vídeos privados.

A sua palavra-passe fora sempre um conjunto de cinco números que somavam 35. Era a idade da mãe biológica quando

morreu, e também o número de vampiros, *dranaics*, atribuídos à sua família. Um total de 35 vampiros que teriam consumido o sangue de June e Kidan, se não tivessem escapado.





K IDAN ALCANÇOU A FACA QUE TRAZIA DENTRO DO CASACO. Esta tinha uns relevos que lhe provocavam uma sensação desconfortável na palma da mão e era curva na extremidade. Ao tocar-lhe, sentiu um arrepio na espinha.

Ao aproximar-se da mulher, a noite parecia despida de qualquer ruído. Kidan desejou que ela se movesse. A quietude era típica dos animais, e as características animais eram típicas dos *dranaics*.

— Quem é você? — A voz de Kidan soou involuntariamente alta no silêncio.

A mulher era pesada, com sobranceiras grossas e olhos escuros e refletos. Tinha um alfinete dourado de um pássaro preto com um olho prateado, preso ao peito.

— Chamo-me Faris, sou a reitora da Universidade Uxlay. Sei que andavas à minha procura.

A calçada fugiu-lhe debaixo dos pés, fazendo Kidan apertar a faca. Ficou sem palavras perante a ideia de que algo que ela procurava, com uma esperança cega e uma desilusão esmagadora, se pudesse revelar assim de repente, caindo do céu.

— Ux... Uxlay? — repetiu ela, por fim, com medo de que o sítio voltasse a desaparecer.

— Sim.

A resposta dissipou-lhe o nevoeiro na mente. O que é que ela estava a fazer? Largou a faca que trazia no bolso.

— Então, veio para me levar — apressou-se a afirmar. — Para me trocar pela June?

Sentiu o peito inchar de esperança. Quantas noites passara acordada na cama a imaginar todas as variações possíveis daquela cena? Era uma manifestação louca, um objetivo que lhe mantinha o coração a bater depois da noite do incêndio, onde deveria ter morrido.

A reitora cruzou as mãos à sua frente.

— A Uxlay não sequestra humanos. As nossas leis impedem-no.

— Leis? — Kidan atirou-lhe a palavra de volta, quando ela se aproximou. — Onde estavam as vossas leis, quando um *dranaic* designado para a minha família raptou a minha irmã?

Ela esticou os dedos tensos, num esforço para não estrangular a mulher. Nos olhos escuros da reitora, passou um vislumbre de cautela. Ainda bem.

— Essa é uma acusação forte. Tens alguma prova?

A prova de Kidan repousava no pequeno apartamento, colada debaixo da cama. A confissão da sua vítima, que nomeava o vampiro responsável. Mas também provava que ela havia torturado e matado.

O tom de voz de Kidan caiu de tal forma, que poderia acordar os mortos.

— Um vampiro levou a minha irmã.

A Reitora Faris inclinou a cabeça para o lado.

— Falo contigo como representante da Uxlay, Kidan. Talvez não saibas o que isso significa, visto não teres crescido com a nossa educação. Mas eu sou responsável por impor a paz entre humanos e *dranaics*. É o que considero mais importante, e faço-o através de leis e castigos. Acreditas que foste injustiçada,

mas não há provas. Peço-te que vejas a razão, apesar da tua dor. Não posso acusar um dos meus *dranaics* sem provas.

A Reitora Faris falava como uma verdadeira política, como se o seu campus fosse o palco da lei e da ordem. Isso ia contra todas as histórias que Kidan inventara sobre o lugar vil.

Preparava-se para argumentar quando lhe ocorreu um pensamento repentino.

— Foi você, não foi? Você pagou a minha fiança.

Depois de Kidan ter sido detida, aconteceu um milagre. A sua fiança, impossível de pagar, foi liquidada na totalidade por uma mulher com uma posição elevada o suficiente para que pedisse o anonimato, concedido pelo tribunal.

— Mereces uma oportunidade de provar a tua inocência — disse a reitora, com firmeza. — Tal como todos os outros. Estás inocente, não estás?

Kidan deu um passo atrás. Aquela mulher não estava ali para falar da June. A bondade, especialmente a daquele género, tinha sempre um preço.

— Porque está aqui?

A Reitora Faris avaliou-a por mais um segundo.

— Lamento informar-te da morte da tua tia Silia. Ela adoeceu e sucumbiu à doença depressa. Sinto muito.

Kidan olhou com surpresa para o cacifo das cartas. Morta. Os olhos permaneceram-lhe secos, mas o choque abalou-a. Mais um membro da família morto. Estaria o mesmo vampiro por detrás daquilo?

A tia Silia existia sobretudo na sua imaginação, nas histórias, no mundo do antes para dar sentido ao depois. Para provar que não tinham aparecido do nada à porta da Mamã Anoet. Com aquela notícia, Kidan ficou leve, depois de mais uma amarra se desprender dela. Então, pensou nos olhos cor de mel e no sorriso amável de June e voltou a sentir o chão sob os pés.

A reitora puxou de um envelope branco com um brasão vermelho-sangue.

— A partir de agora, és a próxima na linha de sucessão da Casa Adane. Esta é a tua carta de admissão.

Kidan recuou perante a carta.

— Não tenho interesse em ser escrava de vampiros.

A fisionomia calma da reitora desvaneceu-se.

— Não uses termos sem saberes as suas consequências. Foi a última vez que usaste essa palavra diante de mim.

Kidan quis rir, mas apenas conseguiu um esgar tenso.

— Não estou interessada. Só quero a June.

— Muito bem. Acredites ou não, convencer os estudantes que não querem frequentar a minha universidade não faz parte dos meus requisitos profissionais. A maioria esforça-se imenso para conseguir um lugar na Uxlay. — Tirou outra carta do bolso. — Assina isto, e vou-me embora.

Kidan olhou-a com desconfiança.

— O que é?

— Um testamento, assinado primeiro pelos teus pais e depois pela tua tia, deixando tudo ao *dranaic* restante da tua casa.

Ela ficou boquiaberta. Pegou na carta. A maior parte dela estava rasurada, outras secções, obviamente destacadas. Kidan leu, cada vez mais horrorizada, enquanto amachucava as margens da carta.

— Curioso, não é? — Os olhos da Reitora Faris brilhavam. — É a primeira vez na história da Uxlay que uma família escolhe deixar a própria casa ao respetivo *dranaic*. O mesmo vampiro que acusas de ter levado a tua irmã é a pessoa em quem a tua família confiou o suficiente para lhe deixar o legado.

A bÍlis subiu-lhe à garganta. Estariam todos cegos? Aquilo constituía uma prova ainda maior. O motivo. Ele tinha enganado, ou coagido, a família dela a perder a herança. Levando a June em segredo para se manter hidratado...

— Não — adiantou-se a reitora.

— O quê?

— Tu acreditas que ele os forçou a assinar isto. Isso está incorreto. Eles escolheram-no de livre vontade. Há muitas coisas das quais não tens conhecimento sobre o nosso mundo. O poder das nossas casas, o poder das nossas leis. É extraordinário. Conhecimento que só te estará disponível se escolheres juntar-te a nós. Nenhuma alma pode entrar na Uxlay sem um convite.

Kidan olhou para as secções bloqueadas do documento. O que estaria a reitora a esconder?

Faris consultou o seu relógio fino e dourado. Do bolso, pelos vistos interminável, tirou uma caneta.

— Lamento, mas tenho de me ir embora. Assina, por favor, indicando que não tens interesse em contestar o testamento como potencial herdeira, e eu vou andando.

Kidan olhou para a caneta como se fosse veneno. Passado algum tempo, a Reitora Faris retirou-a.

— Talvez precises de tempo para pensar. Se estiveres interessada, as casas na Uxlay são herdadas através da educação. Terás de frequentar a universidade e terminar um curso que estuda a coexistência entre humanos e vampiros. Posso esperar três dias pela tua resposta.

O semblante da mulher desarmou Kidan. Quando a reitora voltou a oferecer-lhe a carta de admissão, ela aceitou-a devagar. O papel era duro e denso, com um selo de dois leões com lâminas na boca, posicionados na garganta um do outro.

Porquê? Kidan olhava para o selo, com vontade de se dissolver. Por que teria a sua família feito aquilo? Quando levantou a cabeça, a mulher tinha desaparecido.





KIDAN ATIROU A CARTA DE ADMISSÃO PARA O CHÃO DESARRUMADO e deu um pontapé na pirâmide de tijelas de noodles que acumulara a um canto. Não havia espaço suficiente para se espalharem, por isso fizeram ricochete na parede e acabaram por lhe bater na canela. Devagarinho, ela afundou-se no chão e baixou a cabeça, envolvida pelas tranças. O quarto apertava-se à sua volta, até que o desconforto a fez ganhar consciência do próprio corpo e do respetivo esforço laborioso para respirar. A tinta descascava nos cantos do espaço apertado, a sanita só funcionava quando os outros inquilinos não a usavam em demasia, e havia uma mancha misteriosa na carpete que cheirava mal, mesmo depois de a ter afogado em lixívia. O calor daquele sítio seria capaz de fritar um escorpião. Ela não aguentava mais um dia assim. Não sem a irmã. Abstraída, passou o dedo pela superfície da pulseira de borboletas. Queria ir para casa. Mesmo que fosse aquela caixa de cartão a que chamavam de lar.

As casas lembravam a Kidan um animal de estimação selvagem. Sujas, muitas vezes infestadas e, independentemente de serem embelezadas, nunca gostavam de ser propriedade de ninguém. Não de verdade. Ela considerava uma deslealdade horrível a ideia de que, tal como os animais, depressa se entregavam

a outros, quando alguém se desleixava. A sua mãe adotiva, Mamã Anoet, concordara, e assim, ainda bem jovens, June e Kidan tinham-se dedicado a ganhar dinheiro para pagar a renda. Quando tinham dez anos, Kidan vendia as pulseiras estranhas que fazia e June contribuía com os seus donuts viciantes, que se comiam com uma dentada. A memória fez-lhe crescer água na boca, que logo secou.

Com os dedos rígidos, pegou no testamento dos pais e da tia. Sentia um fogo correr-lhe nas veias a cada palavra traidora. A família sabia que os vampiros eram perigosos. Porquê arrancar June e Kidan de tudo o que conheciam, apagar-lhes as identidades e torná-las mendigas, se não fosse esse o caso? Nos seus momentos mais emotivos, Kidan costumava esperar que os pais aparecessem à porta da Mamã Anoet, prontos para fugir com elas. Mas era obrigada a perdoá-los por aquele fracasso, uma vez que tinham morrido. A herança poderia ter sido a coisa certa para proteger Kidan e a irmã, mas, em vez disso, eles fizeram o impensável.

Deixaram tudo a ele.

O nome do vampiro estava assinado, com os «s» enrolados como cobras.

Susenyos Sagad.

Kidan ouviu as súplicas da sua vítima ecoarem pela sala e dentro do peito.

— *Susenyos Sagad! É o nome dele. Ele... ele levou-a.*

Ela arranhou o tapete até sentir a carne do dedo a arder contra o tecido áspero. De novo, e de novo, e de novo. No final, um triângulo ficou impresso no tapete. Ótimo. A mente e o corpo estavam em sincronia. Apenas sentia uma fúria pura e cega em relação a Susenyos Sagad.

Às vezes, a mente de Kidan escondia-lhe coisas que só os dedos podiam traduzir. Triângulos para a raiva. Quadrados para

quando o medo se tornava demasiado forte, e círculos para os momentos de alegria. Desde criança que usava os símbolos para desvendar os próprios pensamentos.

Mal conseguia entender o testamento por inteiro, dadas as secções rasuradas. A Reitora Faris tinha escolhido que partes da Uxlay queria partilhar. O que teria deixado de fora?

Leis sobre Herdar uma Casa

Um vampiro herdeiro deve ocupar uma Casa de Família durante um conjunto de 28 dias consecutivos de solidão, para que o testamento se torne *rocis*, ou seja, entre em vigor.

Kidan voltou a ler. Vinte e oito dias. Quanto tempo teria passado desde que a tia morrera? Uma semana? Duas semanas? A imagem repugnante de Susenyos Sagad sentado à mesa de jantar, com June deitada como refeição, a contar os dias para ocupar a casa por completo, revirou-lhe o estômago.

Rejeição do Testamento

Se um descendente humano de uma Casa de Família quiser herdar, terá de frequentar a Universidade Uxlay, para receber formação sobre a coexistência entre humanos e vampiros. Se o descendente humano ainda não completou os estudos, mas deseja reclamar a casa, pode abrigar-se na respetiva Casa de Família durante a formação em *Dranacti*.

A Reitora Faris sublinhara a última linha. Uma lacuna: viver na casa para interromper a ocupação solitária do vampiro. Kidan teria de viver com ele. Sentiu a boca encher-se de ácido.

Levantou-se e abriu um pouco as cortinas, vislumbrando um repórter, e a respetiva câmara, por momentos distraído numa pausa para fumar. Por hábito, deslizou os olhos para o cacifo das cartas.

Estava lá alguém. A abrir o cacifo. A recolher a carta dela. Kidan reagiu de imediato.

— Ei!

Assim que a palavra lhe saiu da boca, ela saiu pela porta e desceu as escadas, três degraus de cada vez. Quando chegou à rua, o vulto já tinha desaparecido.

— Merda! — O grito que deu assustou uma senhora idosa e captou a atenção do repórter.

Ele correu na sua direção e ela atravessou a rua a correr para o cacifo. Tirou a chave do pescoço e, atrapalhada, tentou abri-lo.

O repórter, um homem magro e com um hálito azedo, desapareceu a câmara perto dela. A vontade de Kidan era enfiar-lha pela garganta abaixo, mas, surpreendentemente, conteve-se.

— Kidan, os vizinhos ouviram o que aconteceu. Planeou aquilo durante muito tempo?

Ela ignorou-o. Porque, pela primeira vez em anos, algo fora deixado no cacifo — um livro encadernado. Com os dedos a tremer, enfiou o livro pesado debaixo do braço, fechou o cacifo e atravessou a rua depressa, para voltar. O jornalista continuou a morder-lhe os calcanhares. Ela estava prestes a bater com a porta, quando ele gritou:

— Qual é a sensação de matar um membro da sua própria comunidade?

Kidan ergueu o olhar do chão e fixou-o diretamente na câmara. Por um instante, ela era a June de 14 anos, escondida na casa de banho da Mamã Anoet, desejosa de contar ao mundo todas as coisas que lhe metiam medo.

Má, pensou. Era assim que se sentia. E todo o mal deve morrer.



A reitora jurou não te contactar, mas falhará essa promessa se me acontecer alguma coisa. Conheço-a demasiado bem. Pedi a um membro de confiança na Uxlay para te deixar isto. Devia-me um último favor. E se vais para a boca do leão, tens de estar preparada.

Gostava mesmo que fugisses, mas pela persistência das tuas cartas, percebi que te tornaste teimosa. Espero que isso te dê alguma proteção.

Por isso, ouve com atenção, Kidan, e fica alerta. Começou muito antes do meu tempo, mas algo sempre perseguiu a nossa família. Levou os teus avós, pais, e agora a tua irmã. A Uxlay virou-se contra a Casa Adane.

Neste livro, reuni tudo o que consegui sobre as outras casas, bem como informações específicas que deves saber. A June está algures no meio disto tudo. Se estás a ler isto, significa que não consegui encontrá-la. Espero que te sirva de guia; usa os meus olhos como teus, o meu conhecimento como teu, e encontra a verdade.

Caso decidas fugir, ingere o veneno falso incluído neste livro. Não te fará mal. Os efeitos do veneno serão conhecidos pelo teu vampiro ao alterar-te o cheiro. A Uxlay acreditará que estás a morrer. Uma herdeira moribunda é livre e não tem valor. Usa-o para seres livre.

Confia apenas em ti.

A tua tia que te adora,
Silia



Uma herdeira perdida tem de se infiltrar
numa sociedade arcana e viver com
o vampiro que ela suspeita ter matado
a sua família e raptado a sua irmã.



Kidan Adane, herdeira órfã de uma sociedade arcana onde as famílias ganham poder através da companhia de vampiros, está convencida de que a sua irmã foi raptada por um vampiro. O mesmo que está ligado à linhagem da sua família: o cruel e cativante Susenyos Sagad.

Kidan infiltra-se na universidade Uxlay e mergulha no implacável submundo dos vampiros, onde vai arriscar a sua própria alma para encontrar a irmã, libertar-se dos horrores das suas próprias ações ou... abraçar o lado sombrio do amor, e o sangue que ele exige.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

🌐 seekthebutterfly.pt
📱 [secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-583-318-4



9 789895 833184

